

ESTRATÉGIAS DE REPRODUÇÃO SIMPLES E AMPLIADA: AGRICULTORES FAMILIARES *VERSUS* CAPITAL OLIGOPOLISTA DO SETOR PNEUMÁTICO

Prof. Msc. Robson Munhoz de Oliveira¹
Prof. Dra Rosângela Ap. de Medeiros Hespanhol²

Resumo

A presente pesquisa tem como tema central de análise a importância econômica e social da cultura de seringueira na Microrregião Geográfica de São José do Rio Preto. Diante do sistemático processo de exclusão social no campo, em especial após a modernização agrícola, a qual privilegiou a grande exploração em detrimento da pequena, o estudo se propõe analisar em que medida a heveicultura se apresenta como alternativa de geração de renda e fixação do homem na terra. Constatou-se que na Microrregião Geográfica de São José do Rio Preto a cultura da seringueira sempre se apresentou vantajosa ao produtor, sobretudo pelo seu baixo custo de manutenção e por ser menos susceptível ao prejuízo em caso de crise no setor. Outra constatação refere-se a escassez da matéria-prima no mercado nacional, fator o qual somado à baixa dependência do segmento agrícola de insumos e maquinários, proporciona ao setor agroindustrial da borracha algumas peculiaridades. Entre essas se destaca a menor subordinação do segmento agrícola a capital industrial e, a menor diferenciação entre pequenos e grandes produtores no que se refere à produtividade e à qualidade da matéria-prima.

Palavras-chave: borracha natural, seringueira, heveicultura, Região de São José do Rio Preto, integração agroindustrial.

¹ Doutorando pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP, geounesp@hotmail.com

² Docente dos Cursos de Graduação e de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP_Campus de Pres. Prudente - São Paulo, medeiroshespanhol@yahoo.com.br

Introdução

Em linhas gerais, a presente pesquisa tem como eixo central de análise a importância sócio-econômica da cultura de seringueira na Microrregião Geográfica de São José do Rio Preto no período que compreende entre 1970 e 2003. O interesse pela temática nesta microrregião se justifica pelo fato dela se destacar tanto em âmbito estadual, como nacional na produção de borracha. Os dados da FIBGE (2001) comprovam essa importância: em 2001 a região respondia por 15,8 mil toneladas, representando 25% da produção estadual e 11% da produção nacional. No que tange a área plantada, a região respondia, em 2002, por 31,7% da área plantada no Estado de São Paulo.

Em outros termos, o estudo propõe analisar em que medida a cultura de seringueira se apresenta como alternativa de geração de renda e fixação do homem a terra, dado o sistemático processo de exclusão social assistido no meio rural brasileiro, em especial após a modernização do campo, a qual privilegiou a grande exploração em detrimento da pequena.

Cumpri enfatizar que no setor da borracha tem-se de um lado, heveicultores e processadores de borracha natural, os quais, entretanto, são agentes antagônicos entre si, e de outros, representantes do capital monopolista internacional materializado na presença dos fabricantes de pneumáticos, quais seja: Firestone, Goodyear, Michelin e Pirelli, respondendo por cerca de 90% do setor. Este último apresenta interesses conflitantes com os dois primeiros.

Para tanto a presente pesquisa busca apreender as relações estabelecidas entre heveicultores, processadores de borracha natural e fabricantes de pneumáticos e, a partir dessas reflexões, avaliar em que medida a heveicultura se constitui numa estratégia de reprodução social para os agricultores da Microrregião Geográfica de São José do Rio Preto. Em outros termos, em que medida a cultura da seringueira possibilitaria a diversificação produtiva, permitindo a inserção no mercado com mais um produto comercial?

Para a consecução desses objetivos, procedeu-se realizando trabalhos de campo, nos quais foram aplicados quatro roteiros de entrevistas junto a dirigentes de agroindústrias

processadoras, ao proprietário de uma agroindústria processadora, a engenheiros agrônomos, este representante das associações de produtores de borracha e a 60 produtores rurais distribuídos em 06 municípios da região estudada.

Na pesquisa ora apresentada, o espaço entendido como objeto de estudo, se materializa regionalmente, apresentando características peculiares do ponto de vista organizacional, dando origem a uma configuração singular, isto é, própria do espaço agrário regional, tendo em seu âmago uma complexa relação social, que é engendrada por agentes endógenos e exógenos. Tal relação acarreta constantes mutações neste espaço, o que nos permite apreendê-lo apenas para um dado momento da história. Assim, embora inteligível apenas para um dado momento, por sofrer variações em função da conjuntura, abordamos esse objeto levando-se em consideração variáveis estruturais, as quais são menos susceptíveis que as conjunturais, de modo que se possa pensar em alternativas visando à superar alguns entraves para o desenvolvimento do setor da borracha natural, tendo como foco principal o segmento agrícola.

Expansão das indústrias de pneumáticos no Brasil

A crise do complexo rural e a formação do complexo agroindustrial foi o processo responsável pela gênese da industrialização brasileira, constituindo o que se chamou de transição da economia brasileira de agroexportadora para urbano-industrial, possibilitada pela condução da política econômica pós-1930. Assim, a formação das indústrias de artefatos de borracha não fugiu à regra, tendo firmado suas bases neste contexto da história brasileira.

Foi assim que o setor industrial produtor de artefatos de borracha no Brasil surgiu inicialmente sob a forma de pequenos estabelecimentos fabris, localizados próximos aos grandes centros consumidores, como Rio de Janeiro e São Paulo.

Todavia, a irrelevância do setor industrial gomífero era compensada pela importação cada vez maior dos artefatos de borracha como: corrente, tubos, válvulas, vedações, cabos, etc., necessários ao processo de industrialização assim como dos produtos de consumo final, tais como pneus para bicicleta, botas, impermeáveis, etc. (PINTO, 1984).

De acordo com Pinto (1984), as médias de importações de artigos de borracha em 1919/20 cresceu 500% em relação a 1900, ao passo que a importação, de forma geral, cresceu apenas 50%. No mesmo período, o peso do setor da borracha na pauta de importações passou de 0,41% para 0,97%. Vale destacar, no que concerne ao item “material de transporte” que se observou um aumento substancial de sua participação nas importações: de 0,69% em 1900 passou para 6,16% em 1920.

Ademais, o governo de Getulio Vargas esforçou-se enormemente com vistas à integrar a economia brasileira. Na era Vargas foi extraordinário o estímulo à expansão da fronteira, assim como a abertura de vias de circulação, visando à incorporar novas áreas ao processo produtivo e integrar as diferentes regiões do país que se encontravam até então desarticuladas, formando um arquipélago econômico (HESPANHOL, 1999). Paralelamente, se multiplicavam no país, os veículos automotores, chegando em 1930 com uma frota de 129 mil unidades. No decênio que transcorreu entre 1926 e 1935, essa frota cresceu a uma taxa média anual de 5,15%.

Em resumo, desenhava-se no Brasil, um quadro que revelava um tímido desenvolvimento do setor pneumático fundado no capital nacional, ao mesmo tempo em que rapidamente as companhias multinacionais de capital oligopolista dominavam o mercado brasileiro, de modo que, já na década de 1930, o setor apresentava-se fortemente representado pelo capital oligopolista internacional.

A consolidação da indústria pneumática no Brasil e agravamento do déficit na oferta de borracha

O projeto de industrialização implementado a partir do Governo Kubitschek (1956-1960) pode ser considerado um marco, pois elevou o consumo de borracha natural em função da entrada de empresas automobilísticas no país, agravando o *déficit* na oferta dessa matéria-prima, acarretando a elevação da importação.

Objetivando suprir essa lacuna, foi criado com a participação do Escritório Técnico de Agricultura do Brasil e dos E.U.A - ETA Projeto-54-, tendo como meta ampliar a área cultivada. Esse projeto esbarrou nos interesses reacionários da elite amazônica, que

desejava continuar detendo o monopólio, de modo que apenas foi ampliada a oferta de borracha sintética devido à criação de um fabrica estatal de sintético.

Embora o Plano de Metas tenha incluído em seus objetivos a implementação de 70 mil ha de seringueira, não houve esforço em efetivá-la. Não apenas no que toca à heveicultura, mas o setor agrícola como um todo ficou relegado, face à maior primazia desse governo pelo setor industrial (DEAN, 1989).

Assim, o setor industrial voltado para a produção de bens de consumo duráveis tornou-se de maior peso na economia brasileira, com destaque para as indústrias de equipamentos de transportes voltadas para a fabricação de automóveis, cujo valor da produção industrial elevou-se de 1,6 milhão de cruzeiros em 1958; 6 milhões em 1959; 16,4 milhões em 1960 e 22,7 milhões em 1961 (VESENTINE, 1986).

Ademais, “[...] o governo militar de abril de 1964 veio acentuar o sentido do processo de industrialização delineado durante o governo de Juscelino Kubitschek.” (PINTO, 1984, p.132)

A contrapartida inevitável dessa expansão foi a vertiginosa elevação do consumo de borracha natural, sintética, regenerados e látices. O consumo total passou de 53,5 mil toneladas em 1958, para 263,5 mil toneladas em 1975, segundo Pinto (1984).

Fazendo-se um balanço, é possível afirmar que para o setor produtor de artefatos, em especial para os pneumáticos, a década de 1950 foi extremamente favorável do ponto de vista da criação das condições para a elevação da demanda de pneus e do suprimento de matéria-prima sintética. Corroborar essa afirmativa o fato da fabricação de pneumáticos ter crescido de 1,3 milhões em 1950 para 3,3 milhões em 1960. Todavia, a década de 1950 foi encerrada sem perspectivas para a solução da heveicultura brasileira, mas com tendência clara no sentido de compensar a carência da matéria-prima natural com a utilização da sintética.

Com o aumento do preço da borracha natural a partir de 1973, puxada pelas altas nos preços da borracha sintética devido a crise do setor petrolífero, ocorreu uma maior expansão das plantações de seringueira no Estado de São Paulo. Assim foi que já no início da década de 1990 a produção amazônica representava menos de 50% da produção nacional, perdendo sua posição protagonista como produtora de borracha natural para o

Estado de São Paulo. Esse processo redundou no deslocamento do eixo do conflito da região amazônica-sudeste para o interior do Estado de São Paulo, onde os produtores e processadores de borracha natural haviam personificado os interesses da elite extrativista.

Dinâmica e desenvolvimento heveicultura na microrregião geográfica de São José do Rio Preto

A região estudada na presente pesquisa era conhecida com Região da Alta Araraquarense que, atualmente, coincide com a Mesorregião Geográfica de São José do Rio Preto³. Alguns fatores redundaram em grandes transformações na agricultura regional, são eles: o processo de modernização corrido no campo durante os governos militares; a industrialização-urbanização brasileira intensificada a partir de meados da década de 1950; a crise do café a partir da década de 1980; e, a abertura comercial no período pós-1990.

Uma das consequências mais visíveis desse conjunto de processos foi a marginalização de uma considerável parcela da sociedade brasileira, com a expulsão do campo de grande número de produtores, sobretudo daqueles mais pauperizados, além da descapitalização crescente de outra parcela. Para aqueles que permaneceram no campo, uma das alternativas foi o cultivo de produtos demandados pelos mercados consumidores urbanos nacional e internacional nas décadas de 1970, 1980 e 1990, como a cana-de-açúcar, laranja, soja, borracha natural, milho, entre outras.

Neste contexto, pretende-se que, a partir dessas reflexões se possa avaliar em que medida a heveicultura se constitui numa estratégia de reprodução social entre os agricultores da região, sobretudo para aqueles menos capitalizados e, portanto, propensos a abandonar a atividade agropecuária e se tornar reserva da força de trabalho para o capital. Estratégia de reprodução social é entendida como uma ou mais atividades agrícola ou não-agrícola que proporcionam renda complementar, enquadrando-se assim no que Hespanhol

³ O que aqui se denomina de Microrregião Geográfica de São José do Rio Preto constitui-se na porção leste dessa região que à época ainda não tinha seus contornos bem delimitados. Atualmente essa regionalização estabelecida pelo IBGE compreende 29 municípios: Adolfo, Altair, Bady Bassitt, Bálsamo, Cedral, Guapiaçú, Guaraci, Ibirá, Icem, Ipiruá, Jaci, José Bonifácio, Mendonça, Mirassol, Mirassolândia, Nova Aliança, Nova Granada, Olímpia, Onda Verde, Orindiúva, Palestina, Paulo de Faria, Planalto, Potirendaba, São José do Rio Preto, Tanabi, Ubarana, Uchoa e Zacarias.

(2000) chamou de “estratégia visando à reprodução social”, com a diversificação produtiva das explorações, possibilitando a inserção no mercado com mais de um produto comercial.

As relações sociais no âmbito do setor de borracha são estabelecidas entre os agentes sociais ligados direta e indiretamente à cadeia produtiva da borracha natural, dentre os quais se destacam heveicultores, usineiros, representantes do capital monopolista internacional e poder público central e local. Convém enfatizar que estes são agentes antagônicos de um mesmo processo, o qual se pretende apreender com a pesquisa proposta. Acredita-se que o entendimento da natureza das relações estabelecidas entre estes atores sociais nos permitirá fazer um diagnóstico dos pontos de estrangulamento do setor para que a partir dele se reflita possíveis soluções.

Vantagens e desvantagens da cultura de seringueira

Os 06 municípios selecionados apresentaram uma grande concentração de heveicultores, ou seja, 276 produtores, equivalentes a 61% do total regional (FIBGE, 1996). De acordo com a FIBGE (2002), esses 06 municípios pesquisados foram responsáveis em 2002, por 50,5% da área plantada, por 51,1% da produção regional e por 51,9%, valor da produção.

A forma encontrada para não se refletir a conjuntura do setor no momento da realização da pesquisa de campo, que se apresentava favorável devido à elevada cotação da borracha natural, foi inserir uma pergunta no questionário que contemplasse a ótica dos produtores acerca das vantagens e desvantagens da seringueira ao longo do período em que ele vem cultivando a seringueira. Além disso, pretendia-se constatar a importância da heveicultura em relação às demais atividades agropecuárias desenvolvidas pelos produtores entrevistados.

Inicialmente importa ressaltar que o setor, particularmente o produtores de borracha, enfrentou problemas, em especial aqueles referentes ao prolongado período de crise que o setor vivenciou após a abertura comercial em 1997, o qual se tornou mais notável entre 1999 a 2002, devido ao não repasse do aumento do preço de mercado ao segmento agrícola e do atraso do repasse do subsídio setorial. Apesar disso, os produtores entrevistados foram

Estratégias de reprodução simples e ampliada: agricultores familiares versus capital oligopolista do setor pneumático

Prof. Msc. Robson Munhoz de Oliveira; Prof. Dra Rosângela Ap. de Medeiros Hespanhol

unânimes em afirmar que não tiveram prejuízo com a cultura e nunca paralisaram a exploração do seringal, em função desses eventos. Assim, a partir do trabalho de campo, constatou-se que estes problemas não tornaram a cultura de seringueira inviável economicamente, embora com poucas vantagens em alguns momentos de crise do setor. Os entrevistados argumentaram que a cultura sempre foi um bom investimento.

Constatou-se que entre os produtores entrevistados, 53,5% consideram que a cultura da seringueira não apresenta desvantagens; 22,7% destacaram sua maior rentabilidade em relação às demais atividades agropecuárias; 17% enfatiza a boa rentabilidade proporcionada; 9,1% disseram que a grande vantagem da cultura é a renda mensal; 8,0% por não demandar tratos intensivos; 6,8% pela possibilidade de parar a exploração em período de crise, sem prejuízos para a cultura e sem custo operacional; 4,5% pela possibilidade de parceria; 3,4% pela baixa ou não utilização de maquinários e implementos agrícolas; 3,4% pela pequena demanda de mão-de-obra. Além dos fatores mencionados, outros benefícios foram apontados pelos produtores (ver QUADRO 01).

Quadro 01: Vantagens e desvantagens da cultura de seringueira apontadas pelos heveicultores*			
Vantagens		Desvantagens	
2,7%	Baixo custo de manutenção	3,5%	Não existe
7,0%	Boa rentabilidade proporcionada	,3%	Tempo de retorno
,1%	Proporciona renda mensal	,7%	Alto custo para implantação do seringal
,0%	Não demanda tratos intensivos	,7%	Redução da produção com estiagem
,8%	Possibilidade de parar de explorar em períodos de crise	,3%	Política setorial
,5%	Possibilidade de parceria	,3%	Lobby da industrias pneumáticas
,4%	Baixa ou não utilização de máquinas e implementos	,3%	Pragas
,4%	Baixa demanda de mão-de-obra	,3%	Trabalho domingos e Feriados
,3%	Ser uma cultura perene	,3%	Não pode ser mecanizado

Estratégias de reprodução simples e ampliada: agricultores familiares versus capital oligopolista do setor pneumático

Prof. Msc. Robson Munhoz de Oliveira; Prof. Dra Rosângela Ap. de Medeiros Hespanhol

,3%	O Trabalho ser realizado na sombra	,3%	Susceptível a geadas
,3%	Independente de intempérie	,3%	Susceptível ao fogo
,1%	Possibilidade de poder estocar	,3%	Susceptível Chuva de Granizo
,1%	Longevidade da cultura	,3%	Sazonalidade
,1%	Produzir o ano inteiro (9 a 10 meses)	,3%	Preços
,1%	Baixo risco de investimento	,3%	Manipulação do Ethel (estimulante químico)
,1%	Baixa incidência de pragas e doenças	,3%	Períodos de crise excessivamente longos
,1%	Área verde na propriedade		
,1%	Não trabalha o dia todo		
,1%	Bom para pequenas propriedades		
,1%	Facilidade de manejo		
,1%	Baixa oferta no mercado		
,1%	Concorrência entre as usinas		
,1%	Nunca ter dado prejuízo		
,1%	Facilidade para receber o pagamento pela produção (o pagamento é efetuado diretamente na conta do produtor e do parceiro pela usina)		
,1%	Boa aposentadoria		
,1%	Utilização intensiva da mão-de-obra		
,1%	Diversificação produtiva		

Fonte: Pesquisa de Campo, Nov. 2003.

*A maior parte dos produtores respondeu mais de uma alternativa.

Merece destaque o fato de que 53,5% dos produtores entrevistados, quando questionados acerca das desvantagens da cultura de seringueira, terem respondido que esta não apresenta desvantagens.

Não obstante todos os benefícios apontados, 9,3% dos produtores destacaram o tempo que a seringueira demora para começar a produzir como principal desvantagem, sendo que esta somada ao alto custo de implantação do seringal, segunda maior desvantagem lembrada por 4,7% dos produtores, são as principais desvantagens que explicam a pequena disseminação da heveicultura na região, mormente entre os produtores familiares.

Razão da não diferenciação entre heveicultores capitalizados e descapitalizados

No que se refere ao processo produtivo no setor da borracha natural, pode-se afirmar que este não sofreu alterações significativas ao longo das últimas décadas. É inegável que, nas últimas décadas, novas técnicas foram introduzidas no processo produtivo, entretanto, nada que pudesse causar mudanças importantes no setor a ponto de qualquer categoria de produtor - grande ou pequeno, capitalizado ou não - ficar marginalizado do ponto de vista da produtividade ou mesmo ser definitivamente excluído enquanto produtor de borracha, a exemplo do que ocorre em outras cadeias produtivas.

Do ponto de vista da qualidade da matéria-prima, diversas inovações foram desenvolvidas, nenhuma, porém que pudesse causar uma forte diferenciação entre os produtores capitalizados e descapitalizados. Em entrevistas realizadas com técnicos do setor foi questionado acerca da diferenciação quanto à produtividade e qualidade da borracha em razão do nível de tecnificação dos produtores e sobre a existência de ganho de escala no processo produtivo. Foi argumentado que estes dois primeiros aspectos estão poucos presentes e que não estão relacionadas ao perfil do produtor (capitalizado ou não-capitalizado), ao passo que o ganho de escala não existe no processo produtivo na heveicultura. Embora haja diferenças de preços pagos pelas agroindústrias aos produtores de maior porte produtivo, esta não chega a ser significativa a ponto de torná-la economicamente inviável ao produtor de menor porte.

Alguns elementos nos ajudam a entender a reduzida importância que a base técnica produtiva tem sobre a diferenciação entre heveicultores, estes são: a pouca exigência em investimentos para a manutenção do seringal em função dos reduzidos problemas fitossanitários; a reduzida necessidade de fertilização e correção do solo; e, sobretudo, a pequena exigência em implementos e maquinários. Essas características da heveicultura não permitem que haja uma forte integração técnica agricultura-indústria à montante na cadeia agroindustrial da borracha.

Embora não se reflita na cadeia agroindustrial da borracha a ponto de causar a marginalização ou exclusão daqueles produtores que não puderam incorporar a sua forma de organizar a produção à nova base técnica produtiva, mudanças vêm ocorrendo no setor e estas são induzidas pela relação intersetorial à jusante.

No caso do setor sob exame, pode-se afirmar que este se enquadra no conjunto de CAIs denominados pelos estudiosos do tema de “CAIs incompletos”, sem soldagens específicas “para trás”, mas com forte soldagem específica “para frente”. Ressalta-se, no entanto, que o segmento produtor de borracha se diferencia por não ser fortemente tecnificado, embora também possua ligação com empresas à montante irreversíveis, como no caso do consumo de estimulante químico e fungicida. A cadeia agroindustrial da borracha é um exemplo de que a relação agricultura-indústria no campo brasileiro é multifacetária demandando investigações específicas.

Em suma, diante do que foi exposto, apesar das dificuldades que vivência o setor, podemos afirmar que essa atividade pode se constituir numa estratégia de reprodução social para os agricultores daquela região, considerado que: a borracha natural esta escassa no mercado nacional; não demandar tratamentos culturais de elevado custo quando comparada com outras culturas; trata-se de um trabalho realizado em condições amenas, já que o sangrador não fica exposto ao sol; o trabalho não é pesado nem perigoso, como muitas atividades rurais. Além disso, demandar pouco tempo para seus tratamentos culturais, permitindo aos agricultores o desenvolvimento de outras atividades paralelas.

Todavia, algumas ressalvas devem ser feitas, quando se propõe que esta atividade pode se constituir numa alternativa de geração de renda entre os agricultores familiares. A primeira se refere ao custo relativamente elevado de implantação de um seringal e, a segunda

ao longo período de retorno do seringal, sendo esta a principal explicação para o fato desta atividade ser pouco adotada para diversificar as atividades nas pequenas propriedades familiares, sobretudo naquelas descapitalizadas.

No caso da região estudada foi constatado apenas 13,3% das UPAs conduzidas com base no trabalho familiar exclusivo. Tendo em vista que este segmento é o mais propenso a deixar o campo para viver na cidade em razão das dificuldades que encontram para continuar praticando a agricultura, cabe ao poder público, tanto local como estadual e federal, o incentivo a essa categoria visando estimular a adoção da heveicultura. A possibilidade de um efetivo alargamento das fronteiras dessa cultura na região, entretanto, somente ocorrerá em médio prazo se for estabelecida a cobrança de impostos que onerem a importação da borracha natural do sudeste asiático.

Acrescido a isso, será necessário que o governo envolva todos os segmentos dessa cadeia agroindustrial e formule uma política setorial que viabilize preços estáveis e satisfatórios para a borracha natural, compatível com as necessidades dos produtores e a competitividade das indústrias nacionais, sem prejuízo, no entanto, aos cofres públicos, como vem ocorrendo com a atual política de subsídios ao setor.

Contudo, todos os esforços podem ser muito mais promissores se as diferentes instâncias (governo federal, estadual e municipal) unirem forças para dinamizar o setor, o que poderia ser feito através da produção e distribuição de mudas aos produtores por meio das Casas de Agricultura, especialmente contemplando os pequenos agricultores familiares. No que se tange à redução do tempo para a árvore entrar em produção, parece que pouca coisa pode ser feita, todavia pesquisas buscando estudar o consórcio da seringueira com outras plantas se constitui numa saída para os produtores familiares.

No que se refere especificamente ao plano regional e municipal, cabe a participação efetiva do poder público local, por exemplo, através dos Conselhos Municipais de Desenvolvimento Rural, identificando interesses ao nível dos produtores, tendo em vista a permanência das atuais tendências no âmbito institucional, no que concerne à prioridade das organizações coletivas de produtores, tais como associações e cooperativas. Assim, ressalta-se a importância fundamental da mobilização e participação ativa dos agricultores organizados, objetivando solucionar os problemas como: falta de

linhas de crédito rural; alto custo de produção; falta de incentivo à pesquisas e extensão rural; a presença da intermediação comercial; entre outros.

Essa parece ser mais uma alternativa viável para que os agricultores da região consigam competir num mercado que se apresenta fortemente integrado com o avanço dos meios de transporte e comunicação (leia-se globalizado).

Considerações finais

Constatou-se que a cultura da seringueira sempre se apresentou vantajosa ao produtor, independentemente das dificuldades enfrentadas pelo setor, sobretudo pelo seu baixo custo de manutenção e pela sua menor susceptibilidade ao prejuízo.

Outra constatação a partir dos resultados da presente pesquisa refere-se à situação favorável em que se encontram os produtores de borracha, sobretudo os grandes, em virtude da escassez de matéria-prima no mercado nacional. Assim, constatou-se que esses fatores, somam-se à baixa dependência do segmento agrícola a insumos e maquinários agrícolas na manutenção da cultura proporciona ao setor agroindustrial de borracha peculiaridades, entre as quais se destacam a menor subordinação do segmento agrícola ao capital industrial, especialmente à montante, e a menor diferenciação técnica - produtividade e à qualidade da matéria-prima - entre pequenos e grandes produtores.

Referências

APABOR, Associação Paulista dos Produtores e Beneficiadores de Borracha, *A história da APABOR: da fundação em 1992 a dezembro de 2001*. www.apabor.org.br > (agosto de 2003)

BERNARDES, M. S. et al. Beneficiamento, mercado e política da borracha natural. In: SIMPÓSIO SOBRE A CULTURA DA SERINGUEIRA NO ESTADO DE SÃO PAULO, 1., 1986, Piracicaba, *Anais...* Piracicaba: ESALQ/USP, 1986. p. 317-332.

CICLO DE PALESTRAS SOBRE A HEVEICULTURA PAULISTA, 2., 1998, São José do Rio Preto. *Anais...* São José do Rio Preto: SAA e APABOR, 2000.

DELGADO, Guilherme da C. *Capital financeiro e agricultura no Brasil: 1965-1985*. ÍCONE/ UNICAMP, 1985.

Estratégias de reprodução simples e ampliada: agricultores familiares versus capital oligopolista do setor pneumático

Prof. Msc. Robson Munhoz de Oliveira; Prof. Dra Rosângela Ap. de Medeiros Hespanhol

FEDERAÇÃO DA AGRICULTURA DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Projeto borracha natural*. Comissão Técnica de Heveicultura e Cacau Departamento Econômico, 1998, 1999, 2000 e 2001.

HESPANHOL, Antonio Nivaldo. *Dinâmica agroindustrial, intervenção estatal e a questão do desenvolvimento da Região de Andradina – SP*. 1996, 273 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

HESPANHOL, Rosângela A. M. *Produção familiar: perspectiva de análise e inserção na Microrregião de Presidente Prudente*. 2000, 354 f. Tese (Doutorado em Geografia) Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

KAGEYAMA, Angela et al. O novo padrão agrícola brasileiro: do complexo rural aos complexos agroindustriais. In: DELGADO, G. da Costa et al. (Org.) *Agricultura e políticas públicas brasileiras*. Campinas: IPEA, Cap. II, p. 113-221, 1990. (Série IPEA, 127)

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo razão e emoção*. 1. ed. São Paulo: Hucitec, 1996, 293 p.

SANTOS, Roberto A. *História econômica da Amazônia (1800-1920)*, São Paulo: T. A. Queiroz, 1980, 358 p.

SILVA, Sérgio. *Expansão Cafeeira e Origens da Indústria no Brasil*. 1. ed. São Paulo, 1986.